

Entre rotas e trajetos: os rumos da literatura e das narrativas surdas

José Marcos Rosendo de Souza¹
Izaías Serafim de Lima Neto²
Maria Lúcia Pessoa Sampaio³

Resumo:

Acreditamos que as formas literárias são manifestações dos bens culturais e históricos de um povo. Logo, todo e qualquer povo produz literatura. Isso nos possibilita inferir que os Surdos, enquanto povo, também manifestam sua cultura das mais variadas formas literárias e, dentre elas, a narrativa, que pode ser considerada uma manifestação literária habitual, pois o homem naturalmente narra ou conta. Propomo-nos a discutir criticamente sobre Narrativas Surdas. Tomamos por base postulados teóricos principalmente de Walter Benjamin e Antonio Candido. Esperamos que, com esse trabalho, possamos construir e buscar uma definição para narrativas surdas e contribuir para pesquisas da área da Literatura Surda, tendo em vista ser este um campo teórico pouco explorado.

Palavras-chave: Literatura; Narrativa; Surdos.

Between Routes And Paths: the directions of Literature and Narrative from deaf

Abstract:

We believe that literary forms are manifestations of cultural and historical assets of a people. Therefore, all the people produces literature. This enables us to infer that the Deaf, while People also express their culture in a variety of literary forms and, among them, the narrative, which can be considered a habitual literary manifestation, because man naturally tells or account. We aim to discuss critically about narratives from deaf. We based theoretical postulates mainly

1 Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2010). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Evangélica Cristo Rei (2012). Especialista em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (2013). Mestre pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2015). Atua, principalmente, nos seguintes temas: Ensino, Letramento Literário para Surdos, LIBRAS e Educação Inclusiva

2 Graduando de Licenciatura Plena em Letras na UEPB/CAMPUS UV, bolsista CAPES pelo PIBID-Língua Portuguesa na cidade de Catolé do Rocha/PB. Tem por áreas de concentração Análise de Discurso de linha francesa, Literatura Moderna e Gênero.

3 Graduada em Pedagogia (1992) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com Especialização (1999), Mestrado (2002) e Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005). Desenvolve pesquisas articuladas ao ensino e à extensão universitária, orientando trabalhos acerca do ensino-aprendizagem da leitura, planejamento e formação do leitor.

Walter Benjamin and Antonio Candido. We hope that with this work, we can build and get a definition for deaf narratives and contribute to research of the Deaf Literature area, given that this is a little explored theoretical field.

Key words: Literature; Narrative; Deaf.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quem ousaria hoje decidir entre o que é literatura e o que não o é, diante da irreduzível variedade [...] que se lhe costuma incorporar, sob perspectivas infinitamente diferentes? Todorov

Buscar a definição de Literatura e Narrativas Surdas é desbravar o caudaloso mar de conceitos e significados, e é sobretudo compreender que, por se tratar de literatura, não é possível encalhar em ilhas de definições estanques, mas excursionar por oceanos pouco explorados. Então, enquanto nos jogamos nesse mar intersubjetivo da produção humana, passamos a compreender que, para se chegar a um de muitos conceitos, é necessário entender que as Narrativas Surdas também podem ser produções literárias.

Por isso, nesse mar de tantas excursões, é necessário expor que a produção literária está diretamente ligada ao seu povo, sendo desse modo um bem cultural e social, ou seja, todo grupo social manifesta certas formas literárias e isso independe de ser ouvinte ou surdo, ou que elas sejam externadas por meio oral ou escrito, ou até mesmo sinalizado; assim, tudo o que está em torno da produção ficcional, imagética e estética de um povo é literatura e essa, enquanto produção social, traz em si reminiscências da história da constituição identitária do seu Povo.

Nesse sentido, as nossas excursões foram realizadas sob a perspectiva de que tanto a Literatura quanto as Narrativas Surdas são partes da Cultura do Povo Surdo⁴, e trazem – as experiências e sensibilidades visuais – características próprias do universo cultural da Surdez. Assim, ao traçarmos o rumo para nossa excursão, nos propomos a discutir as Narrativas Surdas enquanto produção do campo da Literatura Surda.

4 “Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independentemente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e a quaisquer outros laços” (STROBEL, 2013, p. 38).

Salientamos que esse campo da Literatura, as Narrativas Surdas, é pouco explorado, e pode sofrer a desvalorização social que o povo Surdo sofreu no decurso da história. Isso nos instigou a desenvolver esse trabalho, o qual foi guiado pelos estudos de: Walter Benjamin, que trouxe contribuições sobre narrativas e Antonio Candido, que abarcou as definições de literatura. É oportuno esclarecermos que as definições para Narrativas Surdas ainda apresentam certa provisoriedade, como o próprio campo literário da Surdez.

ATÉ A LITERATURA SURDA, TUDO É LITERATURA

Nossas excursões principiam pela busca da definição para esta categoria literária, a Literatura Surda. Por isso, para alcançarmos esse fim, partimos inicialmente da tentativa de definir o que é Literatura e, a partir desse conceito, definirmos Literatura Surda. Salientamos que esse intento não se configura na ação de encapsular essa definição; é apenas uma tentativa de definir didaticamente para obtermos uma melhor compreensão.

Desse modo, partimos da premissa de que a literatura está diretamente ligada às manifestações sociais de um povo. E Antonio Candido, ao caracterizar a literatura, acaba por lhe atribuir uma primeira definição:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. *A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos* (grifo nosso) (CANDIDO, 1995, p. 174).

Essa primeira definição nos faz perceber que a literatura é multifacetada, tendo em vista o caráter dinâmico da sociedade. Isto é, se a literatura acompanha o ritmo social e esse por sua vez é dinâmico, conseqüentemente esse acaba por determinar as múltiplas possibilidades de manifestação literária; logo, temos várias formas de literatura. O certo é que essa tem acompanhado os ritos de passagens, as transformações socioculturais e se aproximando do limiar intersubjetivo da realidade humana, manifestando-se em várias formas.

Ao seguirmos a perspectiva apontada pelo autor, percebemos a estreita relação entre sociedade e literatura, por essa estar relacionada à produção humana e ter se propagado cronologicamente pela história da humanidade. Isso implica afirmar que, em todo o contexto sócio-histórico, houve certo tipo

de produção ou manifestação literária. Então, parece-nos que produzir literatura é uma necessidade humana, por isso sua aparição é uma constante. Antonio Candido (1995, p. 174) afirma que “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação.”

As definições de literatura propostas por Antonio Candido nos remetem ao caráter ficcional e imaginativo daquilo que possa ser literário, já que, nessa perspectiva teórica, a literatura abarca as fabulações, os causos e as histórias populares, produções comuns intrínsecas à sociedade. No entanto, não podemos reduzir nossas percepções apenas a essa significação, pois incorreríamos naquilo que estamos tentando evitar: o encapsulamento daquilo que seja literário.

Indo mais a fundo nessas definições, Eagleton (2003, p. 02 e 03) afirma que:

Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou imaginativa, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. [...] A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana. [...] Trata-se de um tipo de linguagem que chama atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material [...].

A definição trazida por Terry Eagleton nos distancia dos conceitos do fabuloso e imaginativo, à medida que aproxima a literatura do trabalho com a linguagem, isto é, o que transforma certas produções em literatura não é apenas o caráter fantasioso e imaginativo, mas o nível de linguagem depreendido na produção. Subentendemos, a partir disso, que a linguagem à qual se refere o autor é a expressa na escrita, por ser aparentemente mais rigorosa, o que caracterizaria as produções literárias orais (faladas e sinalizadas) como não literárias.

É oportuno percorrermos esse mar de significações, pois, à medida que o desbravamos, percebemos certas peculiaridades na definição daquilo que nos propomos, isto é, algumas dessas impressões teóricas acerca do que é literatura embutem formas de privilegiar certas categorias literárias e outras não. Inferimos a partir das nossas percepções pessoais que, Terry Eagleton, ao dizer que a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana, desprestigia as manifestações literárias mais habituais, como por exemplo, os contos orais e sinalizados, em detrimento daquelas expressas na escrita, por serem consideradas mais cultas.

Distanciando-nos dessas inferências, é oportuno trazermos os pressupostos de Antoine Compagnon, pois o mesmo apresenta definições de Literatura em sentido amplo, definindo-a a partir de duas perspectivas, as quais convergem para aquilo que já apresentamos aqui e abre margem para nossas discussões para compreendermos a Literatura Surda.

A primeira definição que o autor traz, nos faz compreender em sentido mais amplo que a literatura “[...] é tudo aquilo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém (incluindo-se aí o que se chama literatura oral, doravante consignada)” (COMPAGNON, 2010, p. 31). Esse conceito nos remete ao que anteriormente expusemos sobre restringirmos literatura apenas à modalidade escrita, e para transgredirmos isso é necessário percorrermos outros mares de definições.

Por isso, destacamos a segunda concepção literária proposta por Antoine Compagnon, a qual é definida em sentido mais restrito como:

[...] a literatura (fronteira entre o literário e o não literário) varia consideravelmente segundo as épocas e as culturas. Separada ou extraída das belas-letas, a literatura ocidental, na acepção moderna, aparece no século XIX, com o declínio do tradicional sistema de gêneros poéticos, perpetuados desde Aristóteles (COMPAGNON, 2010, p. 31 e 32).

Nessa perspectiva, compreendemos que as definições para literatura são variáveis, em decorrência das mudanças ocorridas em sociedade. E é nessa perspectiva que se instaura a concepção e definição de Literatura Surda, isto é, se, a partir do século XIX, há a transgressão das fronteiras dos gêneros literários (épico, lírico e dramático) propostos por Aristóteles, é possível que nesse contexto emergjam as novas formas de compreender as diversas faces da produção literária, e dentre elas aquelas que se relacionam ao campo da Surdez.

Então, para que possamos nos achegar à definição pretendida, é necessário redirecionarmos a nossa rota ao campo dos Estudos Culturais, pois esses surgem no momento em que ocorrem modificações nos antigos gêneros literários, canonicamente formulados, e apresentam novos olhares para a esfera literária. Para esses olhares, a literatura ultrapassa o limiar da escrita, da retórica e da tradição, já que incorpora aquilo que outrora não era considerado literatura: “Vazam-se as fronteiras do literário pela interlocução com outras linguagens [...]” (PEREIRA; REIS, 2000, p. 21).

Não apenas por isso, a definição de literatura na perspectiva dos Estudos Culturais traz à tona as manifestações literárias que foram inferiorizadas e até mesmo marginalizadas por pertencerem às minorias sociais ou por se distanciarem dos padrões da escrita. Este novo patamar literário, dos Estudos Culturais, “[...] começa a ver na literatura uma fonte de dados e, através dela, realizam uma justiça simbólica com os grupos reprimidos e os marginalizados pela sociedade” (PEREIRA; REIS, 2000, p. 19).

Nessa perspectiva e corroborando nossas discussões, Maria da Glória Bordini (2006, p. 15) salienta que a intenção neste novo cenário é possibilitar que seja feita uma espécie de justiça cultural, pois “O intento é ressocializar e rehistoricizar (sic) a grande arte, tornada abstrata nas mãos das elites, bem como promover as manifestações das classes populares e das minorias a um estado de dignidade cultural que não lhes é concedido.”

Ao trazermos as discussões do fazer literário dos Surdos enquanto grupo social, é necessário ressaltarmos que esses indivíduos estiveram à margem da sociedade desde os primórdios. Trata-se de uma minoria que historicamente foi desprezada por estarem fora dos padrões de normalidade (já que o normal é ouvir), ou mais especificamente por serem surdos. Então, acreditamos que discutir sobre Literatura Surda possibilita alcançar a justiça cultural, da qual fala Bordini (2006).

Não apenas por isso, mas ainda de acordo com Maria da Glória Bordini (2006, p. 12), “A existência de múltiplas culturas, distribuídas em tribos e facções, regiões, cidades e bairros, ou até mesmo na esquina ou no condomínio, cada uma com sua especificidade e necessidades, determina uma alteração radical no campo dos estudos literários.”

Ao continuarmos nesse percurso é necessário, agora, expormos as possíveis definições para Literatura Surda. Entretanto, de antemão, salientamos que algumas delas já foram expostas com esse breve trajeto; se faz necessário, apenas, compreendê-las nas entrelinhas. Então, acerca desse tipo de literatura, primeiramente, é oportuno destacarmos que é preciso redimensionar as restrições impostas pelos modelos literários já consolidados e compreender que a Literatura Surda “[...] rompe com os padrões já existentes que concentram e priorizam a produção literária aos moldes da escrita, e o que temos nesse novo patamar literário é a existência de uma literatura visual, por ser consolidada através do uso das Línguas de Sinais” (SOUZA; SAMPAIO, 2015, p. 03).

Em relação às Línguas de Sinais, podemos inferir que essas se apresentam indissociáveis da cultura do povo Surdo e trazem à tona suas características culturais (os valores, as lutas por direitos e os costumes desses indivíduos), que ao longo da história foram sedimentadas socialmente. Nesse sentido, de acordo com Lodenir Karnopp (2010), a Literatura Surda nos é apresentada ao condensar-se em manifestações literárias que fazem uso de uma língua visuoespacial e representam os Surdos não como deficientes, mas como grupo linguístico e cultural diferente.

Entendemos que essa é uma das características predominantes desse campo literário e com ela emergem outras peculiaridades, intrínsecas às obras. Então, destacamos algumas particularidades que caracterizam e podem definir determinadas obras enquanto Literatura Surda: a) a Literatura Surda se apoia na Língua de Sinais, a partir da qual é construída em torno de uma estrutura e de significados; b) ela é produto das emoções e visões particulares dos Surdos; e c) condensa e incorpora os conhecimentos de grupos culturais, logo, ela é um receptáculo de conhecimentos dos povos Surdos (SOUZA; SAMPAIO, 2015).

Não se pode limitar o conceito de literatura a uma única forma literária (a da maioria), já que o fazer literário independe das especificidades dos indivíduos. Além disso, é preciso considerar que o campo literário foi transgredido a partir do momento que se passou a reconhecer outras culturas, ou seja, à concepção do que é, em verdade, literatura se acrescentaram as produções de diversas esferas sociais (minorias) antes postas sob o véu da inexistência, dentre elas a literatura do povo Surdo.

O APARECER DAS NARRATIVAS SURDAS

Ao continuarmos nosso trajeto, é conveniente desembarcarmos no território da Narrativa Surda e inicialmente percorrermos a narrativa para em seguida chegarmos àquelas que são produzidas por Surdos, com a finalidade de percebermos as especificidades desse tipo de produção literária.

Assim, o ato de narrar está intrinsecamente ligado à vida do homem, pois desde os primórdios da humanidade a narrativa se faz presente (a exemplo das pinturas rupestres que dizem do viver e das atividades àquela época, ou seja, narram). Nesse sentido, as narrativas estão ligadas à tradição popular, pois elas entretêm, provocam, assumem-se como lugar de interação e construção da autoimagem de um povo. Mas, antes disso, a narrativa pode ser compreendida,

a partir do que afirma Renato Luz (2013, p. 57), como um ato de aparecer no mundo, isto é, “Quando alcançamos aparição, uma experiência comunicativa intensa acontece. Quando alguém aparece, algum tipo de narrativa pôde se realizar no mundo, uma comunicação humana significativamente forte.”

Quando o autor afirma que narrar é a ação de aparecer, compreendemos que isso é um ato puramente social e, a partir desse, o homem “nasce” socialmente. Com essa premissa, podemos inferir que a narrativa assume um papel socialmente significativo, pois os indivíduos podem se assumir enquanto sujeitos sociais e passam a existir pelo que contam, pelo que intercambiam nas suas narrativas.

Ao corroborar nossas discussões, Verônica Pontes (2012, p. 42 e 43) salienta que a narrativa não exerce unicamente a função social do “aparecer”, pois vai além disto, ou seja, ao desvencilhar-se do campo social:

[...] a narrativa não tem somente a função social, ela desempenha também uma função essencial na construção do indivíduo em torno da compreensão de si mesmo. [...] E ao narrar sua história ou até mesmo ler outra história narrada que não seja a sua, o homem se vê na narração, o que possibilita uma reflexão sobre a sua vida, sobre seu ser, podendo ser capaz de contextualizá-la nos dias atuais.

Então, a narrativa teria uma dupla função, pois, ao mesmo tempo em que permite ao homem aparecer socialmente, possibilita-lhe fazer-se intersubjetivamente, isto é, torna-o conhecedor de si na perspectiva do ser Sujeito, permite-lhe auto-identificar-se pelo encontro de narrativas. Logicamente que, para esta ação apreendida, de se auto-identificar, se faz essencial a presença de um Outro (visto pela perspectiva bakhtiniana) – um sujeito social que narra e é narrado.

A partir disso, podemos inferir que a narrativa também pode ser enquadrada em um plano dialógico (BAKHTIN, 2009), no qual dialogam ininterruptamente contextos, sujeitos e narrativas. É esse poder dialógico da narrativa que nos constitui enquanto sujeitos (narradores). Acerca disso, Michèle Petit (2009, p. 122) salienta que “De fato, ao longo da vida, para construir um sentido, *para nos construirmos*, jamais deixamos de contar, em voz alta ou no segredo da nossa solidão: nossas vidas são completamente tecidas por relatos, unindo entre eles os elementos descontínuos (grifos nossos).”

Quando percorremos os conceitos da narrativa no plano literário, compreendemos que a mesma, inicialmente, desempenha a função de fazer aparecer o indivíduo Surdo, e isso acrescido do poder formador da literatura; Ou ainda como um lugar de interação, no qual o encontro de leitor e narrativa possibilita a sua formação, sobretudo, humana. Essas inferências se aproximam de uma perspectiva subjetiva, pela qual a narrativa literária se constitui, isto é, a literatura em si apresenta esse caráter subjetivo; logo, as definições de narrativa literária não poderiam se distanciar dessa perspectiva.

De modo mais objetivo, as narrativas literárias podem ser concebidas de acordo com as definições de Liliana Reales (2008, p. 11 e 12):

[...] textos de caráter ficcional que contam uma história de uma determinada maneira, ou seja, de acordo com certas práticas artísticas, e que se oferecem à interpretação daqueles que as lerão de acordo com sua época. As narrativas literárias não têm o compromisso de refletir a realidade. Elas criam uma 'realidade' através da organização dos fatos dentro do enredo, por meio de estratégias narrativas que garantem a coerência interna da obra e de acordo com as tendências de cada época, chegando, muitas vezes, a provocar uma profunda renovação estética.

A partir dessa afirmação, podemos salientar que as narrativas literárias se renovam conforme as tendências de cada contexto, o qual, como já mencionamos anteriormente, está em constante movimento de mudança. Em decorrência disso, não há como negar a presença de Narrativas Surdas no atual momento literário da sociedade, tendo em vista que os Estudos Culturais possibilitaram a abertura para o campo literário da Surdez, e também por haver narradores específicos neste campo: os Surdos.

Compreendemos, a partir disso, que as Narrativas Surdas devem ser apreendidas como artefato cultural, através dos quais emergem a história, as crenças, os valores tanto dos Surdos quanto aqueles construídos em torno dos Surdos. Acerca dos valores culturais construídos em torno desses sujeitos, Gladis Perlin (2004, p. 80) afirma que “As narrativas surdas constantes à luz do dia estão cheias de exclusão, de opressão, de estereótipos”. Essas marcas acabam por se ligarem à produção literária surda, tornando-se inerentes a elas.

Podemos exemplificar essa asserção com a obra *Cinderela Surda*, dos autores Carolina Hessel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa (2007), que traz a personagem principal, Cinderela, imersa na realidade ouvinte, rejeitada pela madrasta e vítima da ausência de comunicação: “[...] Cinderela limpava e

cozinhas, mas a madrasta e as irmãs nunca estavam satisfeitas. A comunicação entre elas era difícil, pois a madrasta e as irmãs só faziam poucos sinais” (HESEL; KARNOPP; ROSA, 2007, p. 12).

Esse trecho da narrativa traz à tona a exclusão – pois a protagonista é diferente do padrão concebido pela sociedade, e a opressão – pautada na relação opostora Ouvinte>Surdo, a qual subordina o Surdo ao Ouvinte. Isso é vivenciado não só por Cinderela, mas pela maioria dos Surdos, historicamente. Além disso, essa adaptação faz emergir elementos próprios do contexto sócio-histórico e cultural dos Surdos, como: a presença de L’Epeé – professor que desenvolveu os Sinais Metódicos, que era a metodologia utilizada no processo de ensino e aprendizagem de Surdos e que consistia na união da gramática da Língua francesa aos Sinais utilizados por Surdos (SOUZA, 2015) no século XVIII; e a luva utilizada por Cinderela, que serve de signo ideológico, já que a comunicação dos Surdos é feita pelas mãos.

É perceptível que, mesmo que essa narrativa apresente elementos que a caracterizam como ficcional (os elementos fantásticos: fada madrinha, transfiguração de objetos inanimados e o característico *felizes para sempre*), ela remete o leitor para outro plano discursivo ou para a realidade circundante dos Surdos. Desse modo, há a manutenção, então, de uma relação de contiguidade com a realidade, de modo que, a partir do plano narrativo construído pelo enredo, o leitor poderá ver uma realidade a partir da perspectiva do Narrador Surdo.

Corroborando essas asserções, Liliana Reales (2008, p. 12) afirma que: “[...] toda a narrativa ficcional é composta de enunciados que representam os fatos ou conteúdos narrados de acordo com estratégias discursivas que mantêm ou não uma relação de contiguidade com a realidade e com os modos de outros discursos narrarem essa realidade.” Podemos afirmar com isso que essas peculiaridades são próprias das obras do gênero “(ii) literatura escrita por surdos” (SUTTON-SPENCE, 2013 *apud* KARNOPP; SILVEIRA, 2014, p. 99).

Ainda nesse gênero, podemos situar a obra *O Patinho Surdo*, dos escritores Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2007), que, assim como a Cinderela Surda, também é uma adaptação de clássico da literatura universal, *O Patinho feio*, de Hans Christian Andersen. O enfoque principal dessa narrativa é a relação social estabelecida entre dois grupos de indivíduos: Ouvintes/Surdos e Surdos/Surdos, isto é, a narrativa prima por expor a aproximação e distanciamento dos pares sociais, pois, à medida que o Patinho

Surdo se percebia diferente dos Cisnes Ouvintes, se distanciava, o que o levava a se aproximar daqueles que lhe eram semelhantes, o grupo de Patos Surdos, conforme pode ser percebido no seguinte trecho:

Os dias iam passando e os pais ensinavam os filhotes a cantar. Mas o patinho surdo não cantava e por isso resolveu passear sozinho pela lagoa. Sozinho, ele questionava: Por que eu sou tão diferente dos meus irmãos? Eu acho que não sou daquela família. Aflito, continuou seu passeio pela lagoa e, de repente, avistou uma família de patos surdos. Observou que eles estavam conversando e se aproximou (ROSA; KARNOPP, 2007, p. 20-22)

A partir do trecho, podemos perceber que a narrativa trata de uma possível representação da própria sociedade, na qual os pares sociais se distanciam por estar em evidência a diferença impressa pela Surdez. Esse distanciamento é ocasionado pela ausência da comunicação, que seria estabelecida pelo uso de uma Língua em comum, a Língua de Sinais.

As narrativas apresentadas aqui são construídas em dois planos: o da história e o do discurso, os quais confluem no enredo e fazem emergir a perspectiva do narrador. Esses planos podem ser compreendidos a partir do que afirma Liliana Reales (2008, p. 12):

Numa narrativa, é fundamental observar o que se conta e como se conta. Ou seja, para efeitos de análise, devemos distinguir dois planos fundamentais: o da história e o do discurso, planos, no entanto, organicamente articulados na narração. No plano da história, observamos o que se conta; no plano do discurso, como se contam os fatos narrados.

Então, em primeiro plano, as narrativas discorrem sobre as relações sociais entre Surdos e Ouvintes; no plano do discurso, o que está em evidência é a representação dos Ouvintes como uma antítese aos Surdos, isto é, ambas as narrativas representam os Ouvintes com certa vilania, pois os colocam em uma posição de superioridade em relação aos Surdos. E, em oposição a isso, os Surdos são representados como os heróis, que em primeiro momento sofrem com a inferiorização, mas no clímax da narrativa se sobressaem triunfantemente. Isso, segundo Maura Lopes e Alfredo Veiga-Neto (2006, p. 85) ocorre em decorrência “[d]as marcas de deficiência impressas na alma surda, mesmo em muitos daqueles que hoje fazem discursos surdos e militam na causa surda, criaram alteridades deficientes, dependentes de representações ouvintes.”

Então, ao atentarmos aos elementos discursivos constitutivos dessas narrativas, podemos perceber que eles condensam traços culturais do Povo Surdo, os quais são compreendidos como Marcadores Culturais. Acerca disso, Maura Lopes e Alfredo Veiga-Neto (2006, p. 82) afirmam que esses marcadores são compreendidos como “[...] elementos presentes nas narrativas surdas [que] [...] permitem-nos reconhecer, na dispersão de enunciados, alguns elementos recorrentes que, ao serem agrupados, conectados e selecionados, nos indicam marcadores comuns de um grupo cultural específico.”

Podemos compreender, a partir disso, que o plano discursivo expresso nas narrativas é construído por um Sujeito que, sobretudo, narra sua cultura. Esse narrador, em ambas as narrativas, pode ser encontrado a partir das afirmações de Walter Benjamin (1994, p. 198) ao afirmar que:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. [...] A figura do narrado só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. ‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.

Com isso, é possível perceber que as Narrativas Surdas, especificamente as apresentadas nesse trabalho, são construídas a partir das experiências vivenciadas ou adquiridas pelo narrador em certos contextos sociais, conforme afirma Walter Benjamin (1994, p. 201): “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

A partir disso, podemos afirmar que as Narrativas Surdas primam pela manutenção das experiências e valores do Povo do qual elas são objeto de aparecimento e auto-conhecimento, isto é, tanto a *Cinderela Surda* quanto *O Patinho Surdo* desvelam valores socialmente construídos, ao trazer à tona a marginalização social, e, ao mesmo tempo, possibilitam a reconstrução da imagem do Surdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das multiplicidades de manifestações literárias e da urgência em se construir diálogos sobre Literatura Surda, intentamos com nosso breve trajeto discutir criticamente as Narrativas Surdas, dentro do campo literário da

Surdez. Então, lançamo-nos ao mar das definições de literatura e de narrativas, para em seguida percorrermos aquelas que fazem referência às produções literárias dos Surdos.

Salientamos inicialmente que as discussões deste artigo, por terem apresentado certa abrangência de conceitos e definições, não deveriam ser encerradas apenas em algumas inferências propostas em um curto trajeto, mas, para fins de didatizarmos esses conceitos de forma crítica, o fizemos. Então, ao iniciarmos as discussões sobre o que é literatura, pudemos perceber que ela abarca uma série de definições, as quais estão relacionadas às produções: sociais de caráter imaginativo e fabuloso, às escritas, às sinalizadas e àquelas que foram reconhecidas a partir dos Estudos Culturais.

Pudemos perceber que os Estudos Culturais abriram possibilidades para o reconhecimento da literatura das minorias, isto é, a partir deles houve a quebra dos gêneros canônicos da literatura e o aparecimento de outras manifestações literárias, que outrora eram desconhecidas ou desconsideradas. A Literatura Surda, diante dessa nova perspectiva literária, aparece como produção de/para Surdos, tendo como suporte para isso a Língua de Sinais, ou seja, essas produções trazem, pelo que pudemos compreender, reminiscências (culturais e identitárias) do povo Surdo.

No que se refere às narrativas, essas, pelo que foi possível perceber, se fazem presentes tanto no campo social quanto no literário, já que narrar é inerente ao homem. As narrativas no campo social são compreendidas como o ato de o sujeito “aparecer”, enquanto sujeito social. Dialogicamente falando, no campo literário, as narrativas agem essencialmente na construção do sujeito, por fazerem ressoar as vozes e experiências de outros indivíduos.

As Narrativas Surdas seguem esse princípio de construção e podem ser definidas como um constructo literário que faz aparecer um indivíduo marcado pela marginalização social e, a partir de seu aparecimento, ressoa suas experiências e valores sociais, que ecoam na imagem de um narrador Surdo. Esse narrador por sua vez traz à tona as vivências de sujeitos sociais, Surdos, marcados pelo estigma da deficiência e subserviência aos padrões ouvintistas. Logo, a produção dessas narrativas enquanto artefato literário prima pela manutenção da história e cultura dos Surdos, mesmo que essas sejam subordinadas, em sua maioria de vezes, às dos ouvintes e ao padrão de “normalidade” no campo da comunicação. É oportuno ressaltar que não podemos afirmar que essas peculiaridades estarão presentes em outras

Narrativas Surdas, mas, somente, naquelas que trouxemos em nosso breve trajeto.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BORDINI, Maria da Glória. **Estudos Culturais e Estudos Literários**. Letras de hoje. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da literatura**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. **Cinderela Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Produções culturais de surdos**: análise da literatura surda. Cadernos de Educação. UFPel. Pelotas, v. 19, 2010. p. 155-174.

KARNOPP, Lodenir Becker; SILVEIRA, Carolina Hessel. **Humor na Literatura Surda**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 93-109.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. **Marcadores culturais surdos**: quando eles se constituem no espaço escolar. Perspectiva, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 81-100, jul./dez. 2006.

LUZ, Renato Dente. **Cenas Surdas**: os surdos terão lugar no coração do mundo? 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

PERLIN, Gladis. O Lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs). **A Invenção da Surdez**: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PONTES, Verônica Maria de Araújo. **O fantástico e maravilhoso mundo literário infantil**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de L (orgs.). **Literatura e Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

REALES, Liliana. **Introdução aos estudos da narrativa**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. **O Patinho Surdo**. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

SOUZA, José Marcos Rosendo de; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Era uma vez... Histórias Surdas: (re)definindo conceitos de Literatura Infantil. **Travessias Interativas**, v. 9, p. 1-13, 2015.

SOUZA, José Marcos Rosendo de. **Entre palavras e sinais**: letramento literário, surdez e inclusão. São Calos: Pedro e João Editores, 2015.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

Recebido em 13/05/2016
Aprovado em 28/07/2016